



O SR. IBSEN PINHEIRO (Presidente da Câmara dos Deputados)– Excelentíssimo Senhor Itamar Franco, Vice-Presidente da República no exercício do cargo de Presidente: Exmo^o Senador Mauro Benevides, Presidente do Congresso Nacional e desta sessão solene; Exmo^o Sr. Sydney Sanches, Presidente do Supremo Tribunal Federal; Sr. D. José Freire Falcão, Arcebispo de Brasília; Srs. Chefes de Missões Diplomáticas que nos honram com suas presenças. Exmo^o Sr. Joaquim Roriz, DD. Governador do Distrito Federal; Srs. Ministros de Estado; Srs. Ministros do Supremo Tribunal Federal; Sr. Governador em exercício do Estado de São Paulo, Sr. Aloysio Ferreira, Sr. Governador de Goiás, Iris Rezende, Sr. Presidente Nacional do PMDB, partido de Ulysses Guimarães, Orestes Quércia; Sr. Micheal Marshal, Presidente do Conselho da União Interparlamentar; Sr. Pierre Cornillon, Secretário-Geral da União Interparlamentar Srs. Delegados da União Interparlamentar. Dr. Tito Henrique da Silva Neto; D. Celina Campelo e demais familiares de Ulysses Guimarães; Srs. Líderes partidários. Srs. Deputados; Srs. Senadores; Senhoras e Senhores– e permitam-me acrescentar à lista protocolar que rende homenagem plena a Ulysses Guimarães, nomes que simbolizam os assessores que o acompanharam: Oswaldo Manicardi e Carla. E se fosse escolher amigos de Ulysses Guimarães para significar, nesta hora, um homem que não temia adversários, mas que não fez inimigos, precisaria lembrar Renato Archer, seu amigo-irmão; não citaria toda esta Casa, mas não esqueceria Luiz Henrique, discípulo fiel e constante; procuraria sublinhar o significado da presença de Pedro Simon nesta homenagem, seu companheiro e amigo de duas ou mais décadas de convivência plena e de confiança recíproca.

Nesta Tribuna, que Ulysses Guimarães frequentou nos grandes momentos deste País e da História recente do nosso povo, também ouvíamos tantas e tantas vezes atento, participante, as questões aparentemente menores de nossa rotina parlamentar. E é desta tribuna que ele dignificou, falando à Nação em momentos culminantes e também pela presença do parlamentar



atento que superava o próprio paradoxo que ele apontava, quando nos dizia— e lembrado a pouco por Pedro Simon – “Torna-se pequeno, quem pensa pequeno”.

Mas ninguém mais atento do que Ulysses Guimarães a todos os aspectos, detalhes, às vezes, pequenos do processo político e parlamentar, porque ninguém, como ele, tinha a intuição de quanto os problemas pequenos, às vezes, se agrandam, se agigantam, para tornarem-se pequenos obstáculos.

Desta Tribuna, que ele ocupou, a Casa que ele integrou por mais de quarenta anos, traz a sua voz para homenageá-lo. E confesso a dificuldade deste que procurei aprender com ele e que nas suas limitações encontram, no entanto, no exemplo de Ulysses, a inspiração para esta hora. A inspiração extremamente difícil de encontrar qual Ulysses privilegiar nesta lembrança; que Ulysses buscar na memória ou mesmo nas notas taquigráficas desta Casa ou ainda na sua variadíssima obra de orador, pensador. Que Ulysses buscar? Qual deles, neste plenário que hoje tem o seu ? Qual deles, neste Plenário que assinará, com seu nome, todas as decisões desta data em diante, graças a proposta inspirada do Deputado Luís Eduardo Magalhães, desde logo acolhida por todos os partidos desta Casa, patrocinada pela Mesa e consagrada pelo Plenário?

Qual, qual Ulysses do seu talento multifacético privilegiar nesta hora? O Humanista, que nos surpreendia e iluminava com a lembrança, a citação ou a referência de momentos de cume da humanidade, fazendo com tanta frequência na aparente leveza de uma conversa de corredor? Quem sabe o latinista exemplar? O orador brilhante, tanto mais agigantado quanto mais agudo o tema que o motivava? O Homem-Estado, Presidente desta Casa várias vezes, Presidente da República interinamente inúmeras vezes? O Jurista com sua formação brilhante a serviço de uma intuição política inexcedível? Confesso minha preferência pessoal, se fosse escolher um aspecto de Ulysses: aquele que se expressava quando ele garimpava as palavras para



escolher a mais simples e mais precisa, aquela que no seu universo era capaz de ser ao mesmo tempo o conceito e a elegância, graças à profundidade. O autodenominado mascate encontrava na expressão mais simples o conteúdo mais rico. Esse Ulysses a mim muito me fascinou de um modo muito profundo. Por isso vacilo em escolher qual Ulysses trazer à lembrança, na homenagem que lhe presta a sua Casa. Talvez, devesse adivinhar o seu pensamento e o homem que resumiu todas essas qualidades e atributos se definia a si mesmo como o político Ulysses Guimarães, o caçador de nuvens, às vezes colhido por tempestades, como ele mesmo nos dizia. O político-síntese destas qualidades, o político que ele foi. Como definir, também, Ulysses se não pelo paradoxo que ele sempre soube, como ninguém, superar pela síntese do seu exemplo.

Ocorre-me, quando falo de Ulysses, a frase perfeita para ele de Frei Manoel Bernardes: “Não há forma mais firme e mais suave de comandar do que pelo exemplo”. Este era Ulysses. O aparente paradoxo dos conceitos, ele os superava pelo gesto-síntese. Em Ulysses a bravura não era bravata, era simples, despojada e constante.

A eloquência em Ulysses, não era a loquacidade dos que desprezam a palavra pelo varejo com que a depreciam.

Em Ulysses, o destemor nunca era a temeridade, e a prudência jamais foi a timidez.

Em Ulysses, a altivez que o caracterizava jamais significava a arrogância que a tantos diminui.

Em Ulysses, o pequeno tornava-se grande, e a sua atenção para todas as coisas que ao homem interessam parecia quase que citar permanentemente Terêncio, lembrado por Marx, para nos sublinhar que nada que seja humano nos será estranho.

Ulysses conjugava sua dedicação aos assuntos de sua Pátria com a capacidade de vê-la na projeção da humanidade, sem descuidar do gesto de



atenção para com o colega, às vezes o jovem colega que se aproximava dele, talvez como nós todos nos últimos anos, com um misto de admiração e fascínio. Antes de chegarmos a ele próprio, um pouco de medo, quem sabe, de sua grande figura, o que logo se desfazia pela invariável afabilidade.

Esse Ulysses, desmanchador de paradoxos pelo seu exemplo, é o que queremos e talvez não consigamos sintetizar pelas palavras; as palavras do seu poeta Fernando Pessoa, da sua frequência e da sua preferência

”As palavras não expressam todo o pensamento, assim como todo o pensamento não expressa a realidade.”

O sentimento que nos une aqui neste plenário superlotado, nesta Casa superlotada, nesta Casa que hoje se chama Ulysses Guimarães, haverá de encontrar – muito mais do que pelas palavras, pelos sentimentos que nos une – a possibilidade não de defini-lo mas de senti-lo e senti-lo presente.

Lembrar as qualidades de Ulysses é também lembrar as qualidades que ele apreciava. Quando se exige de um homem público tantos atributos, desde o conhecimento específico de alguns temas, até a capacidade de generalizar a todos; quando se exige de um homem público, às vezes, a força física de um trabalhador braçal, a maturidade, a tranquilidade, o engenho, mas também a audácia, Ulysses, entre tantas qualidades, definia como a mais importante nos homens públicos; citava Winston Churchill para dizer que nenhuma virtude é tão importante, na vida pública, quanto a coragem.

E acrescentava com grandeza peculiar à citação de Winston Churchill o seu próprio conceito, que lhe dava riqueza exponencial: “ Sem a coragem, as demais virtudes falecem”.

Coragem marcou Ulysses Guimarães; a coragem serena que não se comprazia de exhibir-se, mas que se praticava como exemplo, não para confrontar com a timidez de terceiros, mas, ao contrário, para alçar a todos a mesma coragem que marcava a sua atuação. Esse foi Ulysses Guimarães.



Vejam um perfil:

“Na vida pública, consideração não se adquire por nascimento nem por fortuna, mas unicamente pelo mérito. Não são as distinções sociais e sim a competência e o talento que abrem caminho às honrarias”.

São as palavras para Ulysses ditas três séculos antes de Cristo por Péricles.

Ulysses era isto: ele era a sua própria estátua; ele era o símbolo das qualidades que professava e não um símbolo das qualidades que professava e não um símbolo estático das estátuas mortas no frio mármore; um símbolo vivo.

Esta Casa o homenageava diariamente. Não sei se me faço entender por aqueles que não frequentam estas bancadas: nós o homenageávamos diariamente pelo tratamento igual que nos dava e que lhe dávamos, com o respeito que lhe dedicávamos. Ainda assim, a nenhum de nós ocorria tratá-lo como instituição que não frequentasse as nossas inquietações diárias. Prestávamos-lhes, sim, a homenagem diária de considerá-lo um militante diário das nossas angústias, inquietações e também as nossas esperanças.

Em Sêneca, encontro uma formulação igualmente adequada à figura de Ulysses: “A fama, a imagem? A fama não deve ser o norte que nos guia, mas a sombra que nos segue”.

Assim era a imagem de Ulysses: um produto da sua vida; não a criação de quem quer que seja. Não perseguia a imagem; ela resultava do que ele fazia. A imagem era a projeção do gesto que o caracterizava.

E, nesta hora, que tem tanto de tristeza, certamente a nossa homenagem não se volta só para trás, não se volta apenas para lembrar Ulysses: ela tem a vocação do futuro. Como o próprio Péricles, que quando



falava dos heróis mortos, falava para os pósteros; como Lincoln, em Gettysburg, que falava para o futuro, para nós que aqui estamos, valos falar de Ulysses também para os que virão.

E o sentido desta sessão, o sentido da homenagem desta Casa é a busca do simbolismo que haverá de transformar o seu exemplo, a sua história, as suas palavras, a sua atuação parlamentar, a sua vida pública num patrimônio muito claro, muito expresso; diria mesmo num patrimônio capaz de ao mesmo tempo estar no sentimento de cada um de nós e na própria consciência coletiva da nossa terra para que não seja apenas a lembrança, não apenas a lembrança doce e amarga pela distância, mas, sobretudo a lembrança criadora, capaz de influir para melhor os tempos que estamos construindo para o futuro.

“ A morte é o começo da imortalidade”, na definição de Robespierre . Ulysses construiu em vida a sua imortalidade .

Um último simbolismo foi o modo do seu desaparecimento, como ele próprio previra, fadado, na lembrança de Pedro Simon. Com humor característico dizia: “ Não me esquecerei de morrer”, tendo desaparecido no seu trabalho, na sua luta, na sua rotina mesmo: tendo desaparecido do nosso convívio.

Naquela hora extrema, alguns simbolismos merecem lembrança especial. Dona Mora, companheira de uma vida, parceira das angústias, nas amarguras da vida pública, mas parceira também da esperança. Um simbolismo que certamente sua família recolhe e guardará como um tesouro afetivo insubstituível: o simbolismo de terem encontrado o mesmo fim no mesmo lugar, no mesmo momento.

E o simbolismo especial, Simon, que tu lembravas aqui, de não haver destinado a história de Ulysses a uma tumba – destino de todos nós. De Ulysses, não; aquele rastro luminoso que marcou a sua vida não deveria findar



por trás de uma lousa fria. Deveria, em vez de dissolver-se , impregnar-se na própria imensidão do ambiente da Pátria, para que sua última morada fosse a imensidão do mar, um túmulo do tamanho de Ulysses Guimarães. (Palmas prolongadas)